

Adelina

Desde menina, ela preferira as rosas. Amarelas, se possível, como Júlio nunca esquecia. Adelina abriu a janela para dispersar o cheiro repugnante de podre. Algumas rosas ainda estavam bonitas, por isso colocou só as murchas fora. Apesar da corrente de ar, que se formava na cozinha, o cheiro permanecia lá, inalterado na sua podridão.

A pontualidade do sino estridente, anunciando o início da missa, trazia-lhe lembranças da época de beata. Fausto, indiferente ao cheiro, mas não ao sino, abria os olhos em ritmo felino, espreguiçando-se sobre a almofada de veludo.

Ela não conseguia lembrar há quanto tempo não ia à missa. Mais que um ano, com certeza. Na Páscoa viajara até o Canadá e no Natal... O que fizera mesmo no último Natal? Adelina ficava irritada com seus lapsos de memória, cada vez mais frequentes. Melhor mesmo era não se esforçar para lembrar, pois o Natal nunca vinha com boas recordações.

Procurou incenso na gaveta para acalmar o cheiro. Almíscar ou jasmim? Tanto faz, pensou, pegando os fósforos. Abriu a torneira da pia. A água veio com força, respingando em Fausto, que pulou ligeiro. Água traiçoeira para dedos pouco ágeis, que deixaram o vaso escorregar. Por sorte, só lascou a borda. Vaso bom é o que não quebra, pensou, distorcendo um antigo ditado. Branco com flores azuis, vermelhas e filetes dourados, ganhara aquele da tia-avó no dia casamento, há exatos quarenta e seis anos.

Encheu-o de água fresca até a metade. Havia sobrado cinco rosas viçosas sobre a pia. Fausto se espichava, dengoso, puxando o fio das meias novas de Adelina, sem que ela se importasse. Estava na idade da sabedoria e colocava o dinheiro em seu devido lugar: aos pés das mínimas satisfações que lhe pudesse proporcionar. Fausto cheirou as pétalas caídas sobre o tapete, com desdém. Nada melhor que o veludo da almofada.

Adelina se recordava que, na juventude, nunca entendera a memória dos velhos: um grande paradoxo para ela, por não seguir a lógica do tempo. Fez um teste consigo própria: lembrou da neve depois das primeiras férias de julho, de como comia uva, descascando os grãos com os dedos, das três porteiros que precisava abrir para chegar na casa da avó, do nascimento de Eduardo, do cheiro das rosas. Por outro lado, não lembrava o que comera no almoço, nem a marca do carro recém

comprado e se era verde, azul ou preto. Realmente, ela estava velha, mas com o passar do tempo, só tinha melhorado as ideias. E nesse ponto, concordava com Júlio: os jovens eram muito superficiais em suas conclusões.

Depois de inúmeras primaveras, Adelina não via nenhum paradoxo de tempo no que lembrava ou esquecia. É uma pena que a sabedoria chega de carona com a idade, pensou melancólica, e que só depois de recolher tanto entulho na vida, a memória ganha disciplina. Era fácil admitir: a velhice é o preço da sabedoria. Entretanto, valia a pena, pelo bônus de lembrar só do que se quer - ou do que ainda se precisa lembrar. Desde que a senilidade não chegue antes, pensou, quase fazendo o sinal-da-cruz, com medo de ter algum pensamento caduco. Mas não era beata nem senil. Olhou as rosas sobre a pia e sua lembrança encheu-se de perfume. Podia fechar os olhos e reviver com detalhes aquela manhã quente de outubro. Sentiu-se sábia. A memória lhe permanecia fiel ao que realmente não queria esquecer.

Corredor estreito, bancos de madeira escura e sobre eles, muitas rosas amarelas. O sapato novo apertava, mas no final do corredor, Antônio a esperava, maravilhoso, em sua melhor roupa de festa. Antes de chegar ao altar, ela já sentia o perfume. Largou o braço do pai e virou-se para Antônio, sem conseguir disfarçar um suspiro. Aquele perfume, nunca teria imaginado, vinha do futuro marido. Num instante, lembrou da ordem das formalidades e voltou-se para o adeus simbólico à família. Então, viu o sujeito atarracado e sisudo, endurecido pela vida, que se acostumara a chamar de pai. Pela primeira vez, ele a olhava nos olhos, de rosto molhado, usando o azul mais vivo e fundo que possuía. Adelina também chorou. Todos choraram na cerimônia, por seus motivos muito ou pouco secretos.

Fausto, que tinha poucas lembranças, apenas lambia-se, cerimonioso como um fidalgo. Adelina pegou com cuidado a rosa mais desabrochada. Enquanto tirava as folhas, que a água parada tornara limosas, ainda lembrava-se do pai. Uma semana depois do casamento, morrerá subitamente. Filha encaminhada, missão cumprida; apesar da saúde de ferro, morreu dormindo, na paz de um enfarte fulminante.

O cheiro ruim tinha ido com o vento, ou quem sabe, ainda flutuasse na cozinha, disperso entre as moléculas do incenso. Mas memórias e ventos às vezes andam juntos, como as pétalas de uma rosa solitária. Adelina surpreendeu-se quando ele soprou, de repente, agitando a cortina. Apenas uma pétala caiu, suave, sobre as cinzas do incenso. Então, ela olhou para a pequena brasa,

de onde saía o fio de fumaça. Tinha medo do fogo, não gostava de cinzas. Apagou o palito de incenso na água do vaso, impetuosamente, mas a visão da brasa afogada não dispersava outros pensamentos. É como se caminhasse entre restos fumegantes que gritavam sob seus olhos.

Final de dezembro. Livros, quadros, móveis, louças e pedaços significativos de convivência, embebidos em gasolina. Num canto, um corpo carbonizado. Ela nunca imaginara que seria daquele jeito: amordaçado, pés e mãos amarrados aos restos de uma cadeira, lá estava seu filho - arquivo morto. No dia em que encontrou um baseado na mochila do menino, não fez drama nem perdeu a compostura. Sabia que a curiosidade era típica da adolescência, e no mais, acreditava na educação que dera a Eduardo. Conversou com ele e aquietou-se, em definitivo. Ele só tinha fumado duas vezes, e não pretendia seguir tal carreira. Disso, Antônio não ficou sabendo quando chegou do quartel. Um coronel do exército nunca entenderia pequenas, ou grandes, transgressões. Entretanto, o envolvimento de Eduardo com o tráfico fora longo e fatal. E para ela, quase incompreensível.

Adelina espetou o dedo com um espinho, enquanto a memória continuava a vomitar lembranças. Depois de tanto tempo mergulhados na água, era incrível como ainda podiam ferir. A rosa que segurava era mais bonita que a primeira. Adelina colocou-a rapidamente no vaso, com o dedo a doer.

O telefone tocou, impaciente, causando-lhe um sobressalto. Secou as mãos e ajeitou o passador nos cabelos, como se alguém fosse vê-la do outro lado da linha. Porém, antes que pudesse pronunciar uma palavra, desligaram. Na última semana, não era a primeira vez que acontecia e ela já mostrava sinais de irritação, nada mais que puro medo não admitido. Voltava para a pia, quando novamente tocou. Adelina pensou em não atender, mas foi vencida pela curiosidade. Era o testamenteiro, ela podia ter desconfiado. Já estava tudo pronto, só faltava a assinatura. E que fosse ainda naquele dia, pois a morte, velha e sábia que era, jamais telefonaria antes de chegar.

Adelina não conseguia lembrar a lista de bens do documento. Mas eram muitos e valiosos, ela sabia. Sim, tivera uma vida rica, e por força, igualmente desgraçada. Depois da viuvez, dona do dinheiro e do próprio nariz, viajara pelo mundo inteiro, sem remorsos ou economias. A pensão era mais do que pudera, antes da morte do marido, imaginar. De Antônio, guardava uma única boa lembrança: o dia do casamento. Às vezes, achava ser mérito exclusivo das rosas amarelas. Reconhecia: sofrera com a morte do marido, mas só pelos filhos, ou melhor, por Eduardo. Cláudia, sempre alheia em seu mundo esquizofrênico, era cada dia mais imune às tragédias humanas; tinha

mais que se preocupar com os próprios fantasmas, que a acompanhavam de uma internação a outra. Adelina não podia fazer nada pela filha, além de pagar psiquiatras e enfermeiras. Ademais, a felicidade de Cláudia era garantida pelas maravilhas da química farmacológica. Não sentiria falta da mãe, nem teria preocupações, crises de memória ou identidade, a infeliz.

Depois de ajeitar outra rosa no vaso, lembrou dos biscoitos amanteigados, que havia comprado de manhã. Sentou-se no sofá, ao lado de Fausto, que sempre ganhava um regalo gustativo. Se o veterinário soubesse, ficaria furioso, parecia dizer o bichano à Adelina, enquanto cheirava a delícia que ela tinha na mão. Em seguida, um licor de anis era fundamental. Para Fausto, apenas o lambar das últimas gotas do copo.

A primeira vez que tomara licor acabara bêbada. Era docemente inofensivo, nem parecia alcoólico. Foi na festa do batizado de Eduardo, que ficou o tempo todo nos braços do pai, menos moles e escorregadios que os dela. Assim se apaixonara pela bebida. Tentara até organizar uma confraria com as amigas. Mas o licor pedia copo pequeno, silêncio e muita cumplicidade, e só com o tempo, Adelina descobriria a maneira mais prazerosa de bebê-lo.

O testamenteiro viria às nove, conforme combinado ao telefone. Era fácil lembrar a estampa de desconforto na sua cara. Entretanto, a ele restava concordar e escrever, com as devidas formalidades, o que ela queria. No fim das contas, conformado, admitiria que ela fizera a escolha certa - digna de uma mulher sábia, imaginou Adelina, sem muita convicção. Colocou o vaso sobre a mesa, juntando as últimas rosas. Foi quando a campainha tocou. Ela ajeitou o cabelo, apesar de não ser a hora combinada dele chegar.

Abriu a porta e, mesmo surpresa, recebeu-o com um beijo, como sempre fazia. Alemão, pura massa muscular, não lhe poupava beliscões maliciosos. Trazia-lhe rosas. Adelina colocou-as de pronto, num outro vaso que tinha na sala. Encheu-o de água até a borda, displicente. Não entendia porque ele trazia as vermelhas, se sabia que preferia as amarelas.

O garoto se jogou no sofá, afugentando Fausto, pelo eriçado até a cauda. Puxou Adelina para si e quando lhe perguntou do testamento, ela disse que já estava assinado. Seu velho amigo testamenteiro recém acabara de sair, questão de quinze minutos, precisou ela. Alemão pareceria indiferente à notícia, se não fosse o extraordinário brilho incontido no olhar, que cresceu num riso aliviado e numa enxurrada de beijos e abraços. Porém, logo se recompôs, num convite apenas bem

humorado para jantar. Há tempos não saiam juntos, lembrou à Adelina. Como há muito também não lhe trazia flores, pensou ela, desconfiada, surpreendendo-se com a própria memória.

De um salto acrobático, Alemão livrou-se dos braços de Adelina e foi até o carro, trazendo na volta, uma caixa cor-de-rosa. Fausto se aproximou para farejar, quando ela abriu a caixa de bombons, organizados como peões de um tabuleiro. Chocolate branco e nozes era sua combinação favorita. O meio amargo, comia só em último caso. Alemão é que adorava esse tipo, demonstrando de boca cheia. Ofereceu à ela um branco, como aperitivo da noite inesquecível que teriam. Adelina recusou. Comería depois do jantar, junto com o licor preferido.

Logo em seguida saíram. Ele a dirigir, sorrindo com os dentes pretos de chocolate. Duas horas e uma garrafa de vinho depois, voltavam abraçados. Agora, viria a melhor parte da noite, pensava ela. Alemão estava ansioso pela sobremesa: só pensava no chocolate branco.

Luz da sala acesa e o olhar de Adelina, a lembrá-la do que esquecera em cima do sofá. A caixa com poucos bombons, Alemão também viu. Ao lado, uma almofada de veludo lilás, vazia. Fausto, morto sobre o tapete, era o representante da penúltima tragédia na vida de Adelina.

Ao ver um botão de rosa amarela no meio das vermelhas, Adelina se lembrou de Júlio. Ele estava certo, ela sabia agora em definitivo. Um verdadeiro homem sábio, isso é o que ele era. Nem bem concluía o pensamento e a porta da frente se fechou. Alguém estivera escondido atrás dela. Adelina não se assombrou, quando a claridade permitiu que identificasse quem julgava ser um intruso. Na cara dele, nenhum sinal de desconforto.

Como não eram mais jovens, guardariam o acontecido daquela noite por pouco tempo na memória. Se vaso bom é o que não quebra, ela deveria parar de se preocupar com testamentos e outras bobagens. Os dois teriam muito tempo ainda para gastar a cobiçada fortuna, bem longe dali. Quanto a Alemão, seu problema fora achar que esperteza é sinônimo de sabedoria – que tem lá seus lapsos, quando deixa o coração falar mais alto. Nessas horas, não precisa ser sábio para imaginar do que é capaz uma faca de cozinha afiada nas mãos de um testamenteiro como Júlio, velho e apaixonado.